



# **ESTUDOS E PERSPECTIVAS DOS ECOSSISTEMAS NA COMUNICAÇÃO**

## **Organizadores**

Gilson Vieira Monteiro

Maria Emilia de Oliveira Pereira Abbud

Mirna Feitoza Pereira



**CONSELHO EDITORIAL**

Presidente

Henrique dos Santos Pereira

Membros

Antônio Carlos Witkoski

Domingos Sávio Nunes de Lima

Edleno Silva de Moura

Elizabeth Ferreira Cartaxo

Spártaco Astolfi Filho

Valéria Augusta

**COMITÊ EDITORIAL DA EDUA**

Louis Marmoz (Université de Versailles)

Antônio Cattani (UFRGS)

Alfredo Bosi (USP)

Arminda Mourão Botelho (Ufam)

Spártaco Astolfi Filho (Ufam)

Boaventura Souza Santos (Universidade de Coimbra)

Bernard Emery (Université Stendhal-Grenoble 3)

César Barreira (UFC)

Conceição Almeida (UFRN)

Edgard de Assis Carvalho (PUC/SP)

Gabriel Conh (USP)

Gerusa Ferreira (PUC/SP)

José Vicente Tavares (UFRGS)

José Paulo Netto (UFRJ)

Paulo Emílio (FGV/RJ)

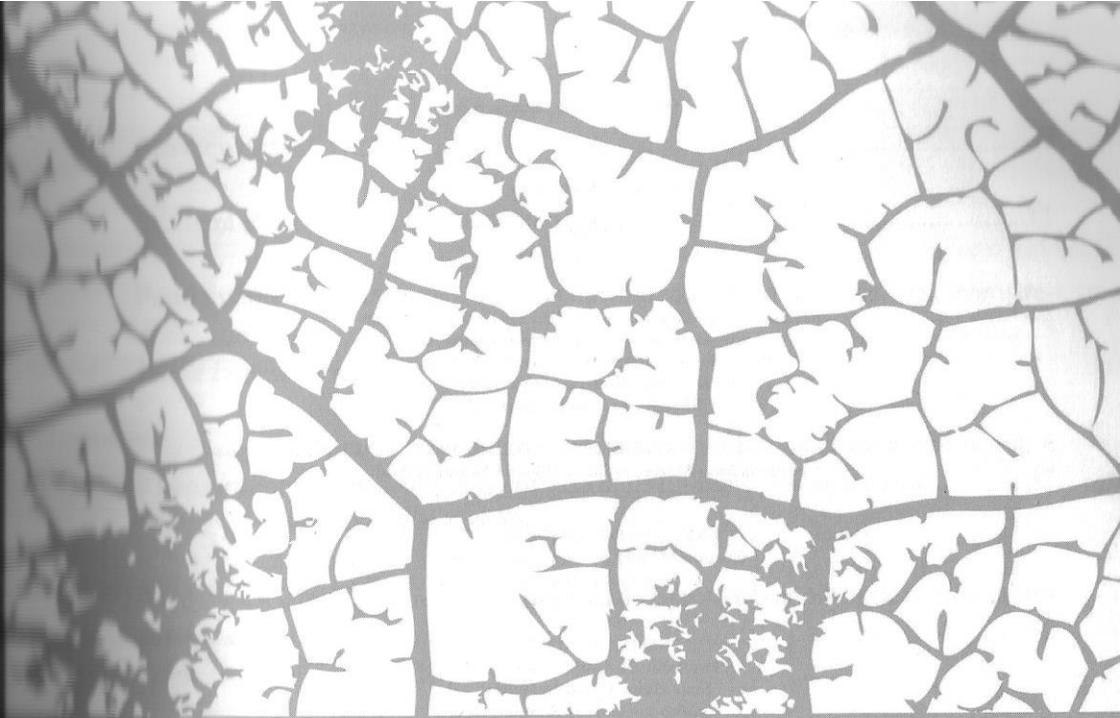
Élide Rugai Bastos (Unicamp)

Renan Freitas Pinto (Ufam)

Renato Ortiz (Unicamp)

Rosa Ester Rossini (USP)

Renato Tribuzi (Ufam)



**ESTUDOS E PERSPECTIVAS  
DOS ECOSSISTEMAS  
NA COMUNICAÇÃO**

**Organizadores**

Gilson Vieira Monteiro

Maria Emilia de Oliveira Pereira Abbud

Mirna Feitoza Pereira

REITORA

Márcia Perales Mendes Silva

EDITORA

Iraldes Caldas Torres

REVISÃO

Cinara Cardoso (Técnica)

EXPEDIENTE DO LIVRO

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Coordenadora: Mirna Feitoza Pereira

Vice-Coordenador: Gilson Vieira Monteiro

Secretários: Altimei da Silva Barile

Rhangel de Oliveira Souza

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO DO NÚCLEO DE APOIO À PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Coordenadora: Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud

Bolsista Capes: Nair Santos Lima

REVISÃO DE PORTUGUÊS

Claudio Manoel de Carvalho Correia

Luiz Carlos Martins

Maria Sandra Campos

NORMATIZAÇÃO

Andrielle de Aquino Marques

Susy Elaine da Costa Freitas

Jean Charles dos Santos Racene Martins

Suziane Batista da Silva

SUPERVISOR EDITORIAL

Marcos Sena

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA (Miolo)

Andrielle Oliveira de Souza

CAPA

Marcio Alexandre dos Santos Silva

Catálogo na fonte

Monteiro, Gilson Vieira; Abbud, Maria Emília de Oliveira Pereira; Pereira, Mirna Feitoza (Org.)

Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação / Gilson Vieira Monteiro, Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud, Mirna Feitoza Pereira (Org.). - Manaus: Edua, 2011.

283 p.

ISBN 978-85-7401-578-1

1 Ciências da Comunicação 2. Ecossistemas comunicacionais. 3. Processos informais I. Título

CDU 070.1

EDUA

Editora da Universidade Federal do Amazonas  
Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3.000,  
Campus Universitário,  
Coroadó I - CEP 69077-000 - Manaus - AM  
Fone: (0xx92)3305-5410 / 9128-5327  
www.ufam.edu.br  
e-mail: edua\_ufam@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação.....9

Primeira Parte: estudos e fundamentos teóricos.....11

Fundamentos de uma visão ecossistêmica da comunicação: uma compreensão semiótica.....13  
*Mirna Feitoza Pereira*

Sistemas conceituais e processos cognitivos: as relações entre a linguagem e o pensamento no desenvolvimento da comunicação verbal infantil.....37  
*Claudio Manoel de Carvalho Correia*

As redes sociais e a liquidez na sociedade 140 bytes: sob os olhos da coruja de minerva.....55  
*Sergio Augusto Freire de Souza*

Configurando mosaicos sobre cultura e arte no Amazonas.....73  
*Ítala Clay de Oliveira Freitas*

A influência da televisão nos hábitos alimentares dos adolescentes.....93  
*Maria Emilia de Oliveira Pereira Abbud | Sebastião de Sousa Almeida*

Segunda Parte: estudos de objetos.....115

Gênese da obra: Turenko Beça e a mídia digital.....117  
*Denise Rodrigues | Jonas Gomes Júnior | Denize Piccolotto Levy*

Os ambientes virtuais de aprendizagem e os jogos massivos multijogador on-line: análise comparativa entre Moodle e World of Warcraft.....129  
*Sylker Teles Silva | Cláudia Guerra Monteiro*

Em busca do ecossistema comunicativo do museu virtual Google Art Project.....149  
*Valter Frank de Mesquita Lopes | Mirna Feitoza Pereira*

# Sistemas conceituais e processos cognitivos: as relações entre a linguagem e o pensamento no desenvolvimento da comunicação verbal infantil

Claudio Manoel de Carvalho Correia<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise dos estágios de formação dos conceitos desenvolvidos pelo psicólogo russo Lev Vygotsky, utilizando como arcabouço teórico as Categorias Cenopitagóricas, ou Categorias Fenomenológicas da Experiência desenvolvidas pelo filósofo lógico-matemático norte-americano Charles Sanders Peirce. As análises desenvolvidas neste trabalho apresentam teorias que apontam para uma perspectiva semiótica de estudo do desenvolvimento da linguagem e da cognição, revelando singularidades, regularidades e sistematização no processo de formação dos conceitos, revelando a estreita relação entre o desenvolvimento das faculdades mentais e o desenvolvimento da comunicação verbal infantil.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento da Linguagem. Desenvolvimento Cognitivo. Formação dos Conceitos.

## Introdução

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma interpretação das etapas de formação dos conceitos desenvolvidas por Lev S. Vygotsky, tendo como base um dos conceitos mais importantes do pensamento filosófico de Charles Sanders Peirce: a Fenomenologia e as Categorias Formais da Experiência.

A perspectiva fenomenológica que será apresentada neste capítulo baseia-se nas *Categorias da Experiência*, ou *Categorias Cenopitagóricas* desenvolvidas por Peirce, por oferecerem, devido ao seu alto grau de abstração (porém com uma admirável formalização interna de seus conceitos) uma nova perspectiva para a observação dos processos de formação dos conceitos sistematizados por Vygotsky. Assim, este capítulo fornecerá fortes argumentos para um diálogo e uma fusão das teorias semióticas aos estudos do desenvolvimento da linguagem e cognição, à medida que um estudo da formação dos conceitos,

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas – Ufam, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – PPGCCOM / Ufam. Desenvolve pesquisas na área da Semiótica aplicada ao Desenvolvimento da Linguagem e Cognição.

ou signos, em uma terminologia semiótica, aponta para uma série de questões relacionadas ao desenvolvimento das faculdades mentais dos indivíduos.

A interpretação que será realizada, fundamentada na teoria de Peirce sobre as categorias universais da experiência, constitui-se em um arcabouço teórico de extrema importância para os estudos sobre linguagem e cognição, na medida em que a partir de percepções imediatas e concretas, o pensamento se desenvolve para níveis mais abstratos e conceituais. Dessa forma, o nível inicial, a *primeiridade*, evolui, desenvolve-se, como é característico às teorias de Peirce, ao nível da *terceiridade*, da racionalização passando pela mediação da *secundidade*, da ação e reação, em um processo de crescimento e evolução.

O que Peirce nos legou foram categorias lógicas que neste capítulo serão aplicadas ao campo das manifestações cognitivas, porque, a partir desta perspectiva fenomenológica, poderemos visualizar por outro viés a forma como se processa o desenvolvimento da formação dos conceitos, ou signos, no indivíduo.

O objetivo primordial da aplicação desses conceitos fenomenológicos aos estágios ou, no dizer de Vygotsky (1989), *fases de formação de conceitos*, visa uma análise fenomenológica desses estágios do desenvolvimento cognitivo humano, por servirem como arcabouço teórico para a interpretação das formas como, nesses estágios, os indivíduos experimentam e simbolizam o mundo, ou seja, apreendem a experiência.

### **No rastro das percepções, no caminho da evolução dos signos: um diálogo entre os pensamentos de Peirce e Vygotsky para o entendimento da dinâmica das abstrações**

A fenomenologia, na perspectiva peirceana funciona como base fundamental para qualquer ciência, porque observa os fenômenos e, através da análise e estudo radical, desenvolve formas e postula aquilo que é universal, ou seja, as propriedades inerentes a esses fenômenos observados. Portanto, é da fenomenologia que devem emergir as categorias universais a toda e qualquer forma de experiência e de pensamento.

Vale ressaltar que as categorias da experiência são o limite da abstração. Assim, a fenomenologia de Peirce extrai os três modos e os três aspectos gradativos nos quais cada elemento se apresenta mais básico e superficial do que o outro. Esses aspectos que se apresentam na superficialidade são observáveis no desenvolvimento gradativo da primeiridade para a terceiraidade.<sup>2</sup> O grande avanço

<sup>2</sup>Para uma melhor compreensão das categorias formais da experiência desenvolvidas por Peirce, recomendo a leitura de dois livros que explicam toda a complexidade desta teoria de forma bastante didática, com exemplos e aplicações: estou falando dos livros *O que é Semiótica* (1983) e *Semiótica Aplicada* (2002), ambos de Lucia Santaella, professora titular da PUC-SP e maior especialista em Peirce na América Latina.

analítico do uso dessas categorias no campo das manifestações cognitivas, no nosso caso, na aplicação aos estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, está no fato de que os fenômenos, ou *phanerons*, nos termos de Peirce, podem ser vistos na perspectiva de um campo específico de conhecimento.

Dessa forma, as categorias como elementos formais podem ser analisadas dentro de suas materialidades específicas no campo das manifestações cognitivas, especificamente nos estágios específicos de formação dos conceitos, à medida que os conceitos são, na perspectiva peirceana, exemplos de terceiraidade que se desenvolveram do fenômeno apreendido inicialmente em nível de primeiridade.

Meu objetivo em utilizar o arcabouço teórico da fenomenologia de Peirce no desenvolvimento de uma interpretação semiótica dos estágios de formação dos conceitos não se apresenta como uma simples operacionalização dos conceitos que emergem das categorias peirceanas aos conceitos de Vygotsky. Este autor desenvolveu um sistema que descreve a formação gradativa dos conceitos, porém sem utilizar um conceito de signo capaz de explicar o engendramento dos processos de significação, objetivação e interpretação em uma perspectiva fenomenológica que descrevesse as singularidades, diferenças e especificidades destes processos que nascem de uma percepção imediata do fenômeno apreendido. O sistema desenvolvido por Vygotsky descreve o desenvolvimento dos conceitos, ou seja, signos, porém sem descrever a lógica semiótica de desenvolvimento do signo.

Um dos maiores méritos das pesquisas desenvolvidas por Vygotsky foi sua teoria sobre o desenvolvimento do comportamento linguístico considerando sua inter-relação e interdependência com o desenvolvimento dos processos cognitivos, levando-o a desenvolver um sistema organizado que descrevesse o desenvolvimento gradativo dos conceitos na criança, dos primeiros anos até o final da adolescência.

Vygotsky (1989) depois de uma série de críticas aos métodos empregados por seus contemporâneos na análise do desenvolvimento e da formação dos conceitos, apontou para a necessidade de um método que permitisse ao estudioso dos processos de cognição observar, sobretudo, a dinâmica interna do processo de formação de conceitos. Algumas críticas podem ser observadas no que concerne ao *método de definição*, método utilizado por um dos dois grupos apontados por ele como responsáveis pelo estudo dos conceitos. Segundo Vygotsky (1989), este método, à medida que lida com o produto acabado da formação dos conceitos, negligencia a dinâmica e o desenvolvimento do processo em si mesmo.

Outra crítica importante é que, ao mesmo tempo em que este método está centrado na palavra, ele renega a percepção, a elaboração mental e o ma-

terial sensorial que origina o conceito. É exatamente neste ponto que começo a iniciar uma conexão entre a fenomenologia de Peirce e o sistema de formação de conceitos desenvolvidos por Vygotsky. É exatamente do seu próprio discurso e, principalmente, de suas críticas que se percebe a importância de um estudo fenomenológico que leve em conta o processo de percepção e sua evolução para o nível conceitual.

No segundo grupo, a crítica relevante desenvolvida por Vygotsky é sobre o estudo da abstração, levando em conta apenas o papel psíquico na formação dos conceitos e negligenciando o papel fundamental da palavra (definido por ele como símbolo) na formação dos conceitos. Nas palavras de Vygotsky (1989, p. 46), “um quadro simplificado substitui a estrutura complexa total por um complexo parcial. [...] Dessa forma, cada um desses dois métodos tradicionais separa a palavra do material da percepção e opera ou com uma, ou com outro”.

Portanto, o que encontramos nas definições desses dois métodos tradicionais é a separação radical da palavra (enquanto símbolo) do material da percepção, e a operação com um ou com outro (VYGOTSKY, 1989).

Uma das definições primordiais para entendermos as relações entre os conceitos e os processos intelectuais é a teoria de que um conceito não é uma função isolada, imutável ou estagnada. De forma contrária a essas definições, é uma função eminentemente ativa, e é parte de um todo do processo intelectual. É nesse sentido que venho buscando um diálogo entre as teorias desses dois pensadores, Charles Sanders Peirce e Lev. S. Vygotsky, à medida que ambos possuem visões que confluem para uma mesma direção: *o caráter ativo e eminentemente dinâmico dos processos intelectuais e, sobretudo a visão mediadora dos conceitos, ou signos, nesse processo.*

A descoberta principal dos estudos de Vygotsky é a de que o desenvolvimento dos processos que resultam na formação dos conceitos começa na fase mais precoce da infância, porém, as funções intelectuais que formam o substrato psicológico da formação dos conceitos amadurecem somente na puberdade.

Como observou Vygotsky (1989, p. 49-50)

As descobertas principais de nossos estudos podem ser assim resumidas: o desenvolvimento dos processos que finalmente resultam na formação de conceitos começa na fase mais precoce da infância, mas as funções intelectuais que, numa combinação específica, formam a base psicológica do processo da formação de conceitos amadurece, se configura e se desenvolve somente na puberdade.

Neste sentido, o que encontramos em seus estudos são pesquisas cuja ênfase está na importância de observar todo o processo de desenvolvimen-

to do estágio inicial ao estágio final, sobretudo visto como uma atividade eminentemente ativa e complexa. Essa característica de observação por um prisma que estrutura o desenvolvimento dos conceitos em uma perspectiva de crescimento gradativo e direcionado para um ponto ou objetivo é um dos elementos que fazem da teoria de Vygotsky passível de uma análise com base nas categorias formais da experiência. As categorias fenomenológicas descrevem um processo de desenvolvimento gradativo da primeira categoria, apreendida em nível de percepção, passando por uma segunda categoria intermediária, e evoluindo para uma terceira categoria mais complexa, resultante do desenvolvimento da percepção à transformação signica e cognitiva. O próprio Vygotsky (1989, p. 50) nos chama a atenção para essa característica de crescimento gradativo em sua teoria da formação dos conceitos:

No que diz respeito à composição, estrutura e operação, esses equivalentes funcionais dos conceitos têm, para com os conceitos verdadeiros, uma relação semelhante à do embrião com o organismo plenamente desenvolvido. Equiparar os dois significa ignorar o prolongado processo de desenvolvimento entre o estágio mais inicial e o estágio final.

A base psicológica desse processo, como foi descrita por Vygotsky, amadurece e se desenvolve em um processo complexo e gradativo, desenvolvendo-se através de fases, especificamente três, tendo seu desenvolvimento pleno em sua última etapa. Nesse sentido, mostra o caráter essencialmente dinâmico da estrutura desenvolvida por ele para mapear a formação dos conceitos e mostrar como a mente se organiza. Essa estrutura é caracterizada por seu dinamismo e evolução, desenvolvendo-se de um ponto inicial, passando por processos complexos, até o seu pleno amadurecimento. Essas pesquisas desenvolvidas sob o método da *dupla estimulação* demonstraram que todo o processo, até a formação dos conceitos, passa por três fases básicas.

Vygotsky apresenta três fases na formação de conceitos: a primeira fase é denominada, *agregação desorganizada* ou *amontoados*; a segunda fase, subdividida em várias outras fases, é denominada, *Pensamento por Complexos*, e a última fase é intitulada como, *Conceito Propriamente Dito*.

A interpretação semiótica que irei desenvolver neste capítulo sobre as fases de formação dos conceitos de Vygotsky, como já explicitarei anteriormente, não se apresenta como uma simples operacionalização dos conceitos peirceanos às teorias vigotskianas. Vygotsky realmente desenvolveu um sistema altamente complexo que demonstra a evolução dos conceitos, porém, não teorizou um conceito de signo que explicasse o desenvolvimento

dos processos de formação dos conceitos em si mesmos. Vale ressaltar que Vygotsky ao discutir sobre o signo, apresentava sérias críticas ao tradicional conceito saussureano de signo, baseado em uma relação diádica entre um significante e um significado, em outros termos, entre o veículo e o conceito que é representado por esse veículo. Para Vygotsky, esse conceito de signo, utilizado a partir da primeira metade do século XX por diversas áreas do conhecimento que usavam e abusavam do método estrutural criado por Saussure, e atualizado pelos funcionalistas da Escola de Praga, era estático, imutável, e não demonstrava a dinâmica da evolução dos conceitos na mente dos indivíduos.<sup>3</sup>

### **Em busca de uma interpretação semiótica para o sistema de formação dos conceitos: desvendando as leis e regularidades do pensamento verbalizado**

Em um primeiro momento pode parecer óbvia a busca de uma interpretação semiótica para os estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, no momento em que fala de conceitos, está explicitamente falando de signos, e na literatura corrente de áreas como psicologia cognitiva e pedagogia, o termo “semiótica” é exaustivamente utilizado como sendo a função básica das representações e interpretações humanas, portanto, simbolizações.

A relação que estou estabelecendo neste capítulo vai muito além de um sentido básico do termo “semiótico” como sendo “simbólico”; nasce da questão de que o sistema de formação conceitual desenvolvido por Vygotsky descreve o desenvolvimento progressivo dos conceitos como formações psicológicas superiores, porém, este sistema não explica o desenvolvimento de singularidades e especificidades fenomenológicas dos conceitos como instrumentos e entidades essencialmente semióticas. Para um entendimento real dos conceitos como entidades semióticas, há a necessidade de entendermos a lógica do desenvolvimento dos conceitos como entidades sígnicas, que emergem de uma relação perceptiva da experiência para um nível de generalização e cognição que pode ser entendido pela teoria peirceana do signo, como uma entidade na qual os elementos estão em constante relação e interação.

<sup>3</sup> Para uma melhor compreensão das críticas de Vygotsky ao conceito saussureano de signo, recomendo a leitura do capítulo *Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem*, escrito por mim e por Eulalia Fernandes no livro *Surdez e Bilinguismo* (2011). Neste capítulo, fazemos uma apresentação do conceito tradicional de signo desenvolvido por Saussure e, também, das críticas desenvolvidas por Vygotsky ao conceito tradicional de signo oriundo do estruturalismo linguístico.

As categorias demonstram o desenvolvimento gradativo e fenomenológico das ferramentas cognitivas que o homem utiliza para transformar o universo da experiência em linguagem, ou seja, em signo. Assim, a linguagem, em nível de terceiridade, constituída “por” e “em” signos, carrega no seu cerne os níveis anteriores responsáveis por sua evolução. Linguagem é terceiridade e, assim, é essencialmente semiótica.

Dessa forma, os processos gradativos de formação dos conceitos, vistos em uma perspectiva semiótica, demonstram os níveis de primeiridade e de secundidade internos à terceiridade. Seguindo uma perspectiva fenomenológica, os níveis de primeiridade, secundidade e terceiridade, em outros termos, qualitativos, de ação e reação e de racionalização, podem ser observados internamente nos estágios de formação dos conceitos desenvolvidos nos estudos de Vygotsky.

A análise dos elementos de primeiridades, secundidade e terceiridade servem tanto para demonstrar o desenvolvimento das percepções imediatas em generalizações e interpretações, como para descrever especificidades semióticas nas diferentes etapas dos estágios de formação dos conceitos. Vale ressaltar que esta capacidade de simbolização é específica da espécie humana e se apresenta como uma clara demonstração dos processos cognitivos de tradução do universo da experiência em linguagem: um sistema semiótico complexo, altamente organizado e específico, responsável pela transformação do natural em cultural, do perceptível em racional e, sobretudo, do pensamento em comunicação.

A questão do desenvolvimento dos conceitos está profundamente relacionada com o próprio desenvolvimento da complexidade do pensamento humano, e, dessa forma, as categorias peirceanas da experiência se apresentam como uma forma de desenvolvimento da percepção até sua consequente transformação em signo; além de se apresentar como uma teoria profundamente satisfatória para as ciências cujo foco de estudo é o desenvolvimento cognitivo, por mostrar os processos através dos quais o pensamento humano transforma a relação com a experiência em signo. Nos termos de Peirce, estamos falando do processo gradativo de *evolução da primeiridade em terceiridade* e, numa perspectiva vygotskyana, no *desenvolvimento da experiência imediata em conceitos formais*. Vale atentar para o fato de que em ambas as teorias o núcleo de suas discussões está na busca do entendimento de como a cognição é engendrada. Dessa forma, acredito que um diálogo entre a fenomenologia de Peirce com os estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, trarão significativas contribuições para o entendimento das traduções da experiência em generalizações e das características e especificidades semióticas que estão subjacentes aos conceitos formados pelos indivíduos nas etapas de desenvolvimento da comunicação e cognição.

Para Peirce, as experiências imediatas são apreendidas na primeiridade, enquanto que os conceitos, como formas de pensamento autocontrolado, são fenômenos de terceiridade. Assim, defendendo uma união e um diálogo entre a fenomenologia de Peirce, e sua lógica que descreve o desenvolvimento gradativo das experiências em generalizações com a teoria dos estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, que demonstra o processo gradativo e organizado de formação dos conceitos. Seguirei neste capítulo com estes dois paradigmas para entender a evolução natural dos conceitos, em outros termos, dos signos na mente humana que dão sentido aos processos da comunicação verbal e do pensamento verbalizado.

Na medida em que para Peirce, em sua fenomenologia, o processo gradativo de desenvolvimento da primeiridade e suas percepções qualitativas evoluem para uma terceiridade simbólica, que demonstram exatamente a evolução das percepções qualitativas do homem para processos de racionalização, interpretação, simbolização e, sobretudo, generalização; para Vygotsky a formação dos conceitos se apresenta como uma forma de libertação do homem de um contexto perceptual imediato, através de processos de abstração. Vale ressaltar que os conceitos são observados pelas atividades da comunicação verbal e do pensamento dos indivíduos, portanto, através de símbolos em nível de terceiridade, e, por isso, foi escolhida a perspectiva teórica adotada por Sheriff (1994) para explicar os mecanismos de percepção do homem, baseando-se nas categorias da experiência de Peirce. Porém, Sheriff defende que a percepção humana já se apresenta como uma forma de terceiridade.

Segundo Sheriff (1994, p. 18) a primeiridade, secundidade e terceiridade são categorias que demonstram um processo evolutivo que está subjacente a todas as leis, sejam elas naturais, físicas ou mentais. O desenvolvimento do universo físico, visto pelas categorias da experiência, é apenas uma parte da história: *a tendência ao crescimento está presente em todas as leis*. E, não podemos esquecer que todas as regularidades que encontramos nos fenômenos do universo são comandadas por leis. Assim, para Sheriff, o que encontramos em todas as regularidades que organizam o caos da primeiridade monádica é a tendência para o crescimento: objetivo de todas as leis.

Ao observarmos a explicação de Sheriff, começa a ficar claro que o sistema de formação dos conceitos de Vygotsky pode ser interpretado pela teoria das categorias peirceanas da experiência, uma vez que, como um sistema que descreve o desenvolvimento e a formação dos conceitos na mente dos indivíduos, ele segue regularidades cujo objetivo é o crescimento do nível do *amontoado* até sua evolução ao *conceito propriamente dito*. Não tenho dúvidas de que o conceito de crescimento através de regularidades e leis que está no centro da fenomenologia peirceana, é o mesmo encontrado tanto

em fenômenos físicos, como em fenômenos mentais, e também no sistema de formação dos conceitos, na medida em que Vygotsky buscava em seus trabalhos entender exatamente as leis de desenvolvimento dos fenômenos psicológicos superiores, ou seja, fenômenos mentais.

Como as leis fenomenológicas da primeiridade, secundidade e terceiridade são encontradas em todos os fenômenos, elas podem ser encontradas nas manifestações psicológicas e cognitivas estudadas por Vygotsky.

Para Sheriff (1994, p. 31), na lógica evolucionária de Peirce, a primeiridade corresponde às qualidades e mônadas, ou seja, possibilidades; na secundidade encontramos as reações e díades, ou seja, as qualidades não podem emergir isoladas, mas em relação a uma outra, em algum tipo de existência; Já a terceiridade, é apresentada como sendo continuidade e tríades. Vale ressaltar que para Sheriff as leis fundamentais que regem a mente são as mesmas leis que regem o universo. Assim, não há uma separação entre o ontológico e o fenomenológico; porém, sempre há a predominância de uma das categorias em um determinado fenômeno.

A importância desta discussão para o entendimento da interpretação que será realizada neste capítulo está no fato de que, na análise da formação dos conceitos, não há a gradação da primeiridade, secundidade e terceiridade de forma totalmente linear. Nenhum processo interpretativo, por mais rudimentar que seja (como os que ocorrem na fase dos *amontoados*) são formas de primeiridade: por serem formas rudimentares de interpretação, *os amontoados* são fenômenos de terceiridade. O que existe de primeiro na experiência humana, ou seja, naquilo que iremos chamar, utilizando a terminologia vygotskyana, de “percepções imediatas”, são formas de terceiridade, ou seja, formas de representação e de relações triádicas.

Segundo Sheriff (1994, p. 31):

Even though we can never fully separate physical and psychical reality in Peirce's theory, evolution hypothetically moves from Firstness to Secondness to Thirdness (there could be no Secondness without Firstness and no Thirdness without Firstness and Secondness), but human perception is almost exclusively of the nature of Thirdness. Thus, what is first in the order of creation or evolution is Firstness, oneness, the monad, chaos; what is first in human experience is Thirdness, triadic relation, representation, continuity. This, of course, is why all treatment of anything outside of Thirdness is purely hypothetical.

Dessa forma, Sheriff (1994, p. 32) conclui que:

Or to put it in Peircean terms, our only experience or perception of Firstness or Secondness is always for us Third-Firstness or Third-Secondness [...]. What is last in the order of evolution is first in human experience. Thought is representation; it is signs of signs.

Essa interpretação é de extrema importância para a análise que pretendo realizar neste capítulo: as interpretações que emergem das percepções imediatas, que Vygotsky classifica como “fases de formação dos conceitos”, podem ser interpretadas pelas leis da fenomenologia peirceana, na medida em que seguem as leis de crescimento da primeiridade para a terceiridade. Porém, o que deve ficar claro, é que as fases de formação dos conceitos, por serem em seus estágios iniciais, rudimentos de interpretações, são formas de terceiridade com elementos de primeiridade e de secundidade.

Assim, com o objetivo de entender as leis de crescimento fenomenológico que estão subjacentes às fases de formação dos conceitos, irei analisar os níveis de *Terceira-Primeiridade*, de *Terceira-Secundidade* e de *Terceiridade*, que estão presentes na teoria da formação dos conceitos desenvolvidas por Vygotsky para explicar o crescimento das funções psicológicas superiores e os mecanismos de mediação utilizados pela criança para traduzir o universo da experiência imediata.

### Elementos formais das categorias universais de Peirce no sistema de formação dos conceitos de Vygotsky

Como foi discutido no subitem anterior, a proposta de união das duas teorias, a saber, a fenomenologia de Peirce e a formação dos conceitos de Vygotsky, servirá para demonstrar como modalidades de pensamento são geradas a partir da relação eminentemente direta com a experiência, demonstrando que características podem ser encontradas, e que demonstrem o processo fenomenológico de apreensão da experiência em signo, ou seja, qualidades, relações factuais e racionalizações, nas distintas etapas de formação dos conceitos.

Iremos seguir na análise com os conceitos de *Terceira-Primeiridade*, *Terceira-Secundidade* e *Terceiridade*, à medida que, entendemos que os processos de percepção e de conceitualização observados por Vygotsky para desenvolver seu sistema de formação dos conceitos se apresentam como percepções com rudimentos de interpretação; rudimentos de interpretações com ênfase na factualidade e na relação direta com a experiência, e interpretações racionais e conceituais, mais completas e desenvolvidas que se assemelham ao conceito de terceiridade. Vale observar que em todas as fases de evolução dos

conceitos encontramos relações triádicas, ou seja, terceiridade, com a predominância da primeira, da segunda ou terceira categoria formal da experiência.

Vygotsky, ao apresentar as fases de formação de conceitos, já citadas anteriormente, afirma que é exatamente na primeira fase, no *amontoado*, que a criança dá seu primeiro passo para a formação de conceitos, agrupando objetos desiguais, agrupados sem qualquer fundamento, revelando uma extensão difusa e não direcionada do significado do signo. Este processo foi assim, descrito por Vygotsky (1989, p. 51):

Neste estágio, o significado das palavras denota, para a criança, nada mais do que um conglomerado vago e sincrético de objetos isolados que, de uma forma ou outra, aglutinaram-se numa imagem em sua mente. Devido à sua origem sincrética, essa imagem é extremamente instável.

Nesse estágio, a palavra começa a ter significado, porém, tudo em termos cognitivos está instável na criança; ela começa a *agregar* o significado das palavras ao seu mundo, ou seja, a sua experiência que está ainda desorganizada.

Assim, a palavra começa a tomar forma, apesar de seu significado vago, que leva ao uso de recursos extralinguísticos no decorrer desse processo. Devemos observar que nessa etapa da formação dos conceitos, as primeiras palavras estão *nubladas*, porque o pensamento e a linguagem estão ainda em processos separados de desenvolvimento.

Se analisarmos o que Peirce conceituou em sua Fenomenologia como *Primeiridade*, encontraremos profundas relações com o primeiro estágio de formação dos conceitos apresentados por Vygotsky.

Na *Primeiridade* encontramos as sensações, qualidades, percepções eminentemente subjetivas e independentes de qualquer juízo, ou percepção objetiva. É a característica da liberdade e simplicidade que dá o ponta pé inicial no processo de apreensão dos fenômenos. Nesse sentido, é uma *percepção vaga*, definida somente por sua subjetividade e independente de qualquer outra categoria.

Nesse sentido, o primeiro estágio de formação dos conceitos, a *agregação desorganizada* ou *amontoado*, equivale à primeira categoria fenomenológica de Peirce, a *Primeiridade*, devido ao seu caráter instável, qualitativo, nublado e, sobretudo, inicial e vago. Porém, como foi discutido no subitem anterior, as percepções humanas são formas de terceiridade, de relações triádicas, com a predominância da primeira, segunda ou terceira categoria. Nesse caso, a fase da *agregação desorganizada* ou *amontoado* é para a criança uma forma de *Terceira-Primeiridade*.

No segundo estágio do processo de formação dos conceitos, encontramos muitas variações de um tipo específico de pensamento que Vygotsky (1989, p. 53) intitulou de “*pensamento por complexos*”.

No que concerne a esse estágio, o que deve ser observado é que, os objetos isolados associam-se na mente da criança não apenas devido às impressões subjetivas da criança, porém, devido “às relações que de fato existem entre esses objetos” (VYGOTSKY, 1989, p. 53). Trata-se de uma nova aquisição, uma passagem para um nível ou estágio mais elevado. Nesse estágio, a palavra começa a tomar forma mais nítida no processo. Esse estágio, como já foi discutido, é dividido em diversas subfases que visam descrever as formas como o pensamento é organizado.

Vygotsky observou em suas pesquisas cinco tipos básicos de complexos que se sucedem uns aos outros durante o estágio do *pensamento por complexos*. O primeiro tipo, ele chamou de *associativo*, o segundo de *coleções*, o terceiro, o *complexo em cadeia*, o quarto foi o *complexo difuso* e o quinto de *pseudoconceito*.

Ao longo da teorização sobre o *pensamento em complexos* e suas subfases, uma questão parece bastante clara nas definições de Vygotsky sobre esse segundo estágio da formação dos conceitos: seu *caráter factual*, sua *natureza ativa*, caracterizada por *ações*, *reações* e, sobretudo, *conexões* e *associações* que não possuem a lógica de um conceito propriamente dito, mas, funciona como estágio de mediação, através de suas conexões e associações para o estágio final e fundamental dos conceitos lógicos.

Vygotsky deixa claro em sua segunda fase, diversas características que a aproximam da categoria peirceana da *secundidade*, de relação direta com a experiência, de choque e reação. Vale ressaltar algumas das características dessa categoria universal, como: ação de um sentimento, reação específica a esse sentimento, reação do indivíduo a um estímulo. É a categoria da *Secundidade* que dá à experiência seu caráter factual, de ação e reação, de luta e de confronto.

Vygotsky (1989) nos deixa diversos exemplos de características factuais e concretas (características da *secundidade*) que fazem parte de seu pensamento por complexos, tais como a natureza diádica e dual do pseudoconceito; fazendo a ponte entre o estágio inicial e o estágio final. Em outros termos, o pensamento em complexos é a fase que realiza a mediação entre dois estágios, um inicial e o outro final, lógico e abstrato:

Em um complexo, as ligações entre seus componentes são concretas e factuais, e não abstratas e lógicas, da mesma forma que não classificamos uma pessoa como membro da família Petrov por causa de qualquer relação lógica entre ela e os outros portadores do mesmo nome. A questão nos

é resolvida pelos fatos. [...] As ligações factuais subjacentes aos complexos são descobertas por meio da experiência direta. Portanto, um complexo é, antes de mais nada, um agrupamento concreto de objetos unidos por ligações factuais. Uma vez que um complexo não é formado no plano do pensamento lógico abstrato, as ligações que o criam, assim como as que ele ajuda a criar, carecem de unidade lógica; podem ser de muitos tipos diferentes. Qualquer conexão factualmente presente pode levar à inclusão de um determinado elemento em um complexo. É esta a diferença principal entre um complexo e um conceito.

Outro exemplo que Vygotsky (1989, p. 55) aponta é que, “a formação em cadeia demonstra claramente a natureza factual e perceptivamente concreta do pensamento por complexos”.

Nesses exemplos está explicado e claramente definido o caráter de secundidade intrínseco ao estágio do pensamento por complexos, a saber, as ligações são *factuais*, dependentes da *experiência direta*, típicas das *relações diádicas* que caracterizam o plano da secundidade, não sendo formado no plano “conceitual”, ou seja, do pensamento lógico abstrato. Desta forma, os complexos possuem, devido ao seu substrato factual, características de secundidade, enquanto que os conceitos, definitivamente, lógicos e abstratos (devido ao seu caráter simbólico) pertencem ao universo da terceiridade.

Assim, devido aos diversos exemplos que Vygotsky utiliza para classificar a fase do *pensamento por complexos*, irei classificá-la como uma forma de *Terceira-Secundidade*, uma vez que, todos os subníveis desta fase apresentam como característica básica a relação direta com os elementos da experiência, de conexão e factualidade típicas da categoria da secundidade. No entanto, como estou falando de formação de “conceitos”, estou, simultaneamente, falando de “signos”, de formas de percepções que carregam características de representatividade e objetivação típicas da categoria da terceiridade, assim, não estou falando de percepções imediatas, e, dessa forma, posso concluir que essa fase pode ser interpretada como uma *Terceira-Secundidade*.

A última fase da formação dos conceitos, descrito por Vygotsky como *conceito propriamente dito*, define-se por ser um estágio maduro e experiente; com natureza *analítica*, *sintética* e *lógica*. É uma etapa caracterizada por sua *abstração* e por combinações somente passíveis de serem feitas devido ao seu nível intelectual e logicamente superior aos dos outros estágios.

Fernandes (1993, p. 13) assim a definiu “As funções mentais elementares participam de uma combinação específica. O desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar”.

conceitos posso fazer um paralelo das características básicas com os conceitos da terceira categoria universal de Peirce: a *Terceiridade*. Nestes termos, a fase do *conceito propriamente dito* pode ser interpretada como uma *Terceiridade* propriamente dita, pelo seu alto nível de abstração, generalização e racionalização. Além de ser a fase final, ou seja, o objetivo e dir,pa que caracteriza o último estágio de formação dos conceitos.

Assim como na fenomenologia de Peirce, onde a *Primeiridade* evolui para a *Secundidade*, até a *Terceiridade*, nas fases de Vygotsky, também temos um processo evolutivo semelhante, onde o *Amontoado* evolui para o *Pensamento por Complexos*, até o *Conceito propriamente dito*. Em minha interpretação semiótica para os estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, o *Amontoado*, como uma *Terceira-Primeiridade*, evolui para o *Pensamento por Complexos*, como uma *Terceira-Secundidade*, até seu objetivo final, o *Conceito propriamente dito*, que classificamos como *Terceiridade*, ou *Terceira-Terceiridade*.

Todo este processo pode ser exemplificado através da seguinte figura:

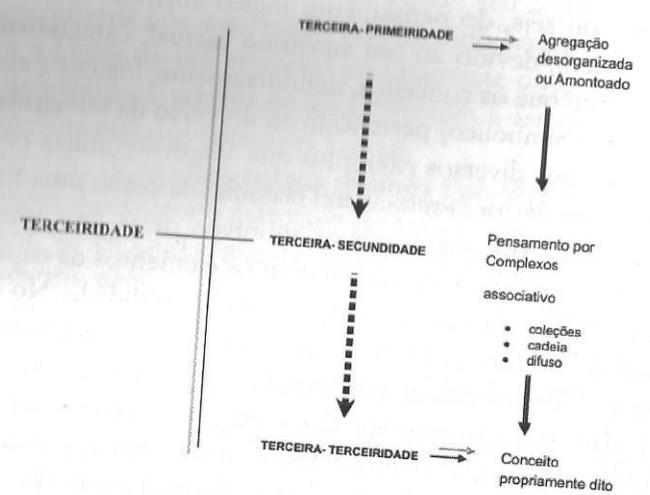


FIGURA 1 – O Processo evolutivo das Categorias da Experiência e a Formação Gradativa dos Conceitos.

Sob a perspectiva fenomenológica peirceana das três categorias universais, a estrutura postulada por Vygotsky para descrever o desenvolvimento da formação dos conceitos em três estágios ou fases, ganha um sentido evolutivo, um caráter de progressão em direção à complexidade lógica, responsável pelas diversidades e variedades cognitivas e linguísticas. Nesses termos, as categorias em seu processo contínuo de expansão servem para explicar

historicamente a teoria das três fases que estão em um processo gradativo de evolução, em direção ao desenvolvimento da formação dos conceitos.

Para Vygotsky e Peirce, ou seja, tanto na teoria da formação dos conceitos, como na teoria peirceana do signo, o que encontramos são teorias altamente complexas que buscam explicar as formas como classificamos a experiência através de nossas percepções imediatas. Os objetivos de ambas as teorias são muito próximas, porém suas diferenças estão no fato de Vygotsky ter se preocupado com a explicação do desenvolvimento deste processo sob uma perspectiva psicológica e com ênfase na análise de sujeitos empíricos; enquanto que para Peirce, seu objetivo era o de buscar categorias universais, aplicáveis a qualquer fenômeno. Vygotsky se preocupou com a observação psicológica, já Peirce, se preocupou em buscar uma lógica de engendramento das significações. O ponto de união de ambas as teorias está no fato de que elas se complementam enquanto arcabouços teóricos, permitindo a criação de arcabouços teórico-metodológicos aplicáveis às manifestações cognitivas.

Segundo Oliveira (2005, p. 68) “a libertação do mundo das impressões imediatas remete, inicialmente, à distinção entre homem e animal e à transposição entre sensação e pensamento, e relaciona-se, historicamente, à intervenção e uso de instrumentos e de signos mediadores”.

Dessa forma, o desenvolvimento dos conceitos, ou seja, dos signos, se apresenta como uma forma de evolução de uma percepção da experiência em nível de primeiridade, questão discutida por Vygotsky como sendo uma forma de descontextualização da realidade imediata que demonstra uma mudança evolutiva de fundamental importância para os seres humanos. A formação dos conceitos, na perspectiva de Vygotsky, e a *terceiridade* na perspectiva de Peirce, são formas de níveis superiores de generalização e de abstração altamente organizados como formas superiores de conhecimento que transformam a experiência em cognição.

### Considerações finais

Neste capítulo realizei uma análise dos estágios de formação dos conceitos de Vygotsky sob uma interpretação fenomenológica peirceana. Como pôde ser observado, a análise fenomenológica fundamentada na teoria de Peirce sobre as categorias universais da experiência constitui um arcabouço teórico importante para os estudos da linguagem e da cognição, porque, como observou Fernandes (1993, p. 12): “A partir das generalizações primitivas o pensamento verbal desenvolve-se até o nível dos conceitos mais abstratos”. Dessa forma, o nível vago e inicial, a *primeiridade*, evolui, desenvolve-se, como é característico às teorias de Peirce, ao nível da *terceiridade*, da racionalização

lização, interpretação, cognição. Porém, todo esse processo, em seu percurso evolutivo, passa pela mediação da *secundidade*, da ação e reação, causa e efeito.

Assim, posso concluir que na primeira fase descrita por Vygotsky, *agregação desorganizada* ou *amontado*, encontramos características inerentes à primeira categoria fenomenológica de Peirce, a *primeiridade*; na segunda fase de formação dos conceitos, isto é, o *pensamento por complexos* e em suas cinco subdivisões, encontramos fundamentos da segunda categoria peirceana, a *secundidade*; e na terceira e última fase de formação dos conceitos, *conceito propriamente dito*, há, elementos singulares a terceira, mais racional e lógica, sobretudo, a mais complexa das categorias fenomenológicas peirceanas, a *terceiridade*.

Meu objetivo ao articular a fenomenologia de Peirce aos estágios de formação dos conceitos de Vygotsky está relacionado ao fato de que através das categorias fenomenológicas, categorias formais que demonstram as formas como as percepções imediatas evoluem para níveis superiores de generalização, podemos perceber uma lógica fenomenológica que está internamente presente nos estágios de formação dos conceitos, mostrando singularidades e especificidades, como a predominância de elementos qualitativos, existenciais e de generalização que são observáveis nos processos de comunicação verbal infantil.

Neste trabalho, defendo o argumento de que há um processo gerativo e sistêmico de desenvolvimento da comunicação verbal que interrelaciona os sistemas cognitivos da mente infantil com o sistema linguístico em desenvolvimento com vistas à comunicação efetiva. O estudo realizado neste capítulo sobre as bases fenomenológicas e formais das *Categorias da Experiência* de Charles Sanders Peirce permite observar os princípios de organização sistêmica da comunicação verbal da criança como um processo gerativo, que relaciona cognição e linguagem, tendo como resultado a emergência das representações do mundo da experiência na comunicação verbal infantil.

## Referências

FERNANDES, Eulália. Desenvolvimento do Comportamento Linguístico da Criança. *Saúde, Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, mar, 1993, p. 6-16.

FERNANDES, Eulália; CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho. Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: FERNANDES, Eulália (Org.). *Surdez e bilinguismo*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 7-25.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Escola e desenvolvimento conceitual. *Lev Vygotsky: uma educação dialética*, São Paulo, Segmento-Duetto, n. 1, 2005, p. 68-75.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SHERIFF, John K. *Charles Peirce's guess at the riddle: grounds for human significance*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.